

A Preservação da Alma

Vivemos cercados de sofrimento real. Basta ligar a televisão — ou nem isso. Basta abrir o celular, ou olhar ao redor, aqui mesmo nesta cidade: gente perdendo o emprego, gente enterrando um filho, gente doente sem tratamento, famílias brigando entre si, marido e mulher em silêncio dentro de casa.

O mundo não é gentil.

E, num mundo assim, a pergunta que interessa não é somente “Deus está no controle disso tudo?” — porque a essa pergunta a Bíblia já respondeu, com uma só voz, do início ao fim: sim, Deus reina soberano sobre tudo e sobre todos.

Mas é justamente esse mundo sofredor que precisa de gente disposta a amar *no meio* do sofrimento, e não apenas apesar dele. E aí fica a pergunta: como alguém chega a ser esse tipo de pessoa? Alguém que abre mão da própria comodidade, que arrisca segurança, bens, a própria vida, para amar de verdade. Que faz o bem mesmo quando o bem custa caro.

Porque amor de verdade custa. Boa obra, quando é boa mesmo, quase nunca é segura.

Domingo passado o aviso foi pesado: não pisem no Filho de Deus. A apostasia tem um preço terrível, o fogo da ira de Deus.

Hoje o autor de Hebreus vira a página. Deixa de advertir e passa a encorajar. Lembra a esses cristãos de um tempo em que eles já foram assim. Sofreram. Perderam bens. Ficaram ao lado de quem estava preso. E não desistiram.

A pergunta de hoje é esta: o que os sustentou naquele tempo? E, mais ainda, o que guarda a alma inteira, até o fim, quando a fé começa a custar caro?

Vamos ao texto.

Hebreus 10.32-39 (NAA)

³²Lembrem-se dos dias passados, quando, depois que foram iluminados, vocês sustentaram grande luta e sofrimentos. ³³Em certos momentos vocês foram transformados em espetáculo, tanto para serem insultados quanto para serem maltratados; em outros vocês se tornaram coparticipantes com aqueles que foram tratados assim. ³⁴Porque vocês não apenas se compadeceram dos encarcerados, mas também aceitaram com alegria a espoliação dos seus bens, porque sabiam que tinham um patrimônio superior e durável. ³⁵Portanto, não percam a confiança de vocês, porque ela tem grande recompensa. ³⁶Vocês precisam perseverar, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcancem a promessa.

³⁷“Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não irá demorar; ³⁸mas o meu justo viverá pela fé; e, se retroceder, dele a minha alma não se agrada.” [Hc 2.3-4]

³⁹Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição, mas somos da fé, para a preservação da alma.

Lembre-se de Quem Você Já Foi

O autor de Hebreus nunca deixa uma advertência sozinha. Foi assim no capítulo 6. Ele descreveu as bênçãos da graça e, logo depois, advertiu sobre o perigo de abandoná-la (6.4-8). Mas não parou aí: fechou com encorajamento (6.9-12).

Aqui é o mesmo padrão.

No domingo passado ouvimos o aviso severo de Hebreus 10.26-31. Agora o autor se volta para essa mesma igreja e diz, em outras palavras: “Eu não estou falando da perdição de vocês.”

Ele os faz lembrar de quem já foram. Gente que resiste. Gente que sofre. Gente que não solta a fé nem a esperança. Gente que perseverou no amor e nas boas obras.

E é esse verbo que abre o texto de hoje: “**lembrem-se**” (v. 32).

Antes de cobrar qualquer coisa, o autor faz a igreja lembrar de quem ela já foi. Porque lembrar o que a graça de Deus já produziu é o primeiro passo para a alma ser preservada. A lembrança alimenta a fé. E alimenta a esperança.

Repare como o texto termina. Ele sai do “vocês” do passado (vv. 32-34) e chega ao “nós” do futuro (v. 39): “Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição, mas somos da fé, para a preservação da alma.” É para essa frase que o texto inteiro caminha. E dela vem o título de hoje: **A Preservação da Alma**.

A ideia central é esta. A alma preservada é a que já provou no passado e ainda espera no futuro. É a alma que tem em Cristo uma posse que vale mais do que tudo o que ela pode perder.

O texto mostra isso em três passos. Primeiro, o preço real de ficar firme (vv. 32-34). Depois, a posse que sustenta esse preço (vv. 34-35). E, por fim, a promessa que garante a preservação (vv. 36-39).

O Preço Real de Ficar Firme

Corra os olhos aí no **versículo 32**: “Lembrem-se dos dias passados, quando, depois que foram iluminados, vocês sustentaram grande luta e sofrimentos.”

“Iluminados” é a mesma palavra que o autor usou lá no capítulo 6, para falar de gente que provou o dom celestial e a palavra de Deus (Hb 6.4-5). E ali, lembre-se, alguns desses iluminados não perseveraram. Caíram. E o autor advertiu que, para eles, não haveria volta.

Isso quer dizer que a palavra “iluminados”, sozinha, nunca é a prova final de nada. O teste não é o que a pessoa sentiu no começo. O teste é o fruto que vem depois, debaixo de pressão.

É esse fruto que o autor vai descrever agora. Gente que, depois de *iluminada*, enfrentou uma grande luta, sofreu muito, e não caiu.

Ser cristão, para essa igreja, nunca foi sinônimo de vida fácil. Foi sinônimo de perseverança.

Vamos ao **versículo 33**. O autor descreve essa luta de dois jeitos.

Primeiro: “Em certos momentos vocês foram transformados em espetáculo, insultados e maltratados.” Esse é o sofrimento direto. Perseguição pessoal, pública, exposta.

Depois: “Em outros vocês se tornaram coparticipantes com aqueles que foram tratados assim.” Esse é outro tipo de sofrimento. Não o que veio contra eles, mas o que escolheram carregar ao lado de quem já sofria.

Pare aqui e sinta o peso da pergunta que o versículo levanta. **Como alguém chega a ser assim?** Lembrem-se do que ouvimos há algumas semanas, em **Hebreus 10.24-25**:

²⁴Cuidemos também de nos **animar** uns aos outros no amor e na prática de boas obras. ²⁵Não deixemos de nos congregar, como é costume de alguns. Pelo contrário, façamos **admoestações**, ainda mais agora que vocês veem que o Dia se aproxima.

Pois bem, é isso que estamos vendo em ação aqui. Compartilhar de propósito o sofrimento dos outros não é natural a ninguém. Por natureza, a gente corre da dor.

E é por isso que ninguém anda sozinho. Precisamos ser animados e admoestados. E precisamos animar e admoestar os outros também. Precisamos nos congregar.

Vamos ao **versículo 34**, primeira parte: “você não apenas se compadeceram dos encarcerados”. Cristãos daquele tempo foram presos por causa da fé. E quem continuava livre tinha uma escolha. Manter distância, por segurança. Ou se aproximar, visitar, ser visto ao lado de quem a sociedade já tinha condenado. Eles se aproximaram.

O texto continua: “mas também aceitaram com alegria a espoliação dos seus bens”. Provavelmente foi por isso mesmo, por serem vistos com os presos, que sofreram represália. Tomaram os bens deles. Talvez por ato do governo, talvez por violência dos vizinhos. O preço de ficar ao lado de quem sofre foi sofrer também.

Foi isso que custou ficar firme. Não uma perseguição abstrata, mas perda concreta: liberdade, segurança, bens. E o que mais impressiona não é que sofreram. É como reagiram. “**Com alegria.**” Sem resignação amarga. Alegria mesmo.

De onde vem uma alegria dessas? Ninguém, por natureza, comemora perder tudo o que tem. É essa a pergunta do próximo passo.

Uma Posse Que Vale Mais Que Tudo

Voltemos ao final do **versículo 34**: “porque sabiam que tinham um patrimônio superior e durável.”

Aqui está a resposta para a pergunta que ficou no ar. De onde vem uma alegria que sobrevive à perda de tudo?

Não vem de otimismo. Não vem de força de vontade. Não vem de estoicismo, nem de uma aceitação resignada do destino. Vem de conhecimento. O texto diz que eles “sabiam”. Não diz que torciam. Não diz que tentavam acreditar. Sabiam. Era fé. Era uma certeza que sustentava a alegria, mesmo quando levavam embora os bens deles.

E dessa fé, dessa certeza, vai tratar o capítulo 11: o que é a fé e como ela aparece na vida de tantos que vieram antes.

Mas por ora, fiquemos com o que esses cristãos sabiam que tinham. Que patrimônio era esse?

O texto diz: “superior e durável”. Duas qualidades que, juntas, vencem qualquer coisa que este mundo oferece.

Existe uma velha tradição, provavelmente lendária, sobre os últimos pedidos de **Alexandre, o Grande**.

Conta-se que ele pediu três coisas. Primeiro: que o seu médico particular empurrasse o caixão sozinho até o túmulo. Segundo: que todo o ouro, a prata e as pedras preciosas do tesouro fossem espalhados pelo caminho. Terceiro: que as suas duas mãos ficassem para fora do caixão, à mostra, para todos verem.

Quando perguntaram por quê, ele teria respondido: para que todos soubessem que nenhum médico salva ninguém da morte. Que nenhuma riqueza atravessa com você para o outro lado. E que você chega de mãos vazias, do mesmo jeito que chegou ao mundo.

Seja lenda ou não, a lição é verdadeira. E a Bíblia diz a mesma coisa sem precisar de imperador nenhum. Pense no que a gente costuma buscar para se sentir seguro: dinheiro, prazer, poder, reconhecimento. Cada uma dessas coisas até parece boa por um tempo. Mas a morte tira tudo. Ninguém leva patrimônio nenhum para o túmulo.

Já o que essa igreja tinha era diferente nas duas frentes. Era *superior* a que qualquer coisa que este mundo oferece. E era *durável*: atravessa a própria morte. Vamos voltar a isso daqui a pouco, com calma, porque vale medir um por um o que o mundo promete e o que Deus garante.

Mas antes, uma coisa. Esse patrimônio não é uma coisa. É uma **Pessoa**. É tudo o que vimos, capítulo após capítulo, nesta carta. É Cristo, que venceu a morte por nós. É o descanso final que ele garante. É a consciência limpa pelo sangue dele. É o perdão definitivo dos nossos pecados. É a certeza de que um dia estaremos diante de Deus, cara a cara, para sempre. Não é uma recompensa qualquer que Deus dá. É o próprio Deus, dado a nós em Cristo.

Vamos ao **versículo 35**: “Portanto, não percam a confiança de vocês, porque ela tem grande recompensa.”

Repare no “**portanto**”. É porque eles sabiam desse “patrimônio superior e durável (v. 34) que o autor pede agora (v. 35) que não larguem a confiança. E essa confiança não é uma esperança vaga de que tudo vai dar certo. É a mesma de que falamos algumas semanas atrás, lá no versículo 19: a confiança, ou a ousadia, de entrar no Santo dos Santos. De se aproximar de Deus mesmo sendo pecador, por causa do sangue de Cristo. É essa confiança que tem uma recompensa grande demais para ser jogada fora.

Ninguém perde essa confiança por descuido, como quem deixa cair um objeto. Quem a perde, abre mão dela. Quando decide que o conforto de agora vale mais do que a recompensa de depois.

Ainda Um Pouco, e Ele Vem

Então fica uma pergunta: o que fazer com essa confiança? Só guardar, torcendo para não esquecer?

O autor não deixa a pergunta solta. Ele mostra o que essa confiança exige de nós daqui para frente.

Vamos ao **versículo 36**: “Vocês precisam perseverar, para que, havendo feito a vontade de Deus, alcancem a promessa.”

Repare: é quase o mesmo que o versículo 35 disse, só que pelo lado positivo. Não jogar fora a confiança é perseverar. E perseverar não é só aguentar parado, de dentes cerrados, esperando o tempo passar. É “fazer a vontade de Deus”. É viver, agir, decidir, dia após dia, à luz do que ainda não se vê. Fé de verdade produz ação. Ninguém persevera parado.

E é isso que veremos em Hebreus 11, na vida da nuvem de testemunhas. Em Abel (v. 4), que ofereceu a Deus um sacrifício melhor. Em Enoque (v. 5), que agradou a Deus. Em Noé (v. 7), que construiu uma arca onde nunca tinha chovido. Em Abraão (v. 8), que saiu sem saber para onde ia. Em Sara (v. 11). Em Isaque, Jacó e José (vv. 20-22). Em Moisés (vv. 24-26), que preferiu ser maltratado com o povo de Deus “a usufruir prazeres transitórios do pecado.” Em Raabe (v. 31), a prostituta de Jericó. E em tantos outros: Gideão, Baraque, Sansão, Jefté, Davi, Samuel e os profetas (v. 32).

E qual é a promessa que essa perseverança alcança? O autor não deixa isso por conta da nossa imaginação. Ele responde com o profeta Habacuque (2.3-4). **Versículos 37 e 38**, de Hebreus 10:

³⁷Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não irá demorar; ³⁸mas o meu justo viverá pela fé; e, se retroceder, dele a minha alma não se agrada.

Três coisas para prestar atenção aqui.

Primeiro: **“ainda dentro de pouco tempo”**. O retorno de Cristo pode parecer distante para nós. Na conta de Deus, é pouco tempo.

Segundo: **“o meu justo viverá pela fé”**. O que marca o justo diante de Deus não é uma vida perfeita, sem tropeço. É uma vida de fé. Uma vida que continua confiando, mesmo sem ver o cumprimento final.

Terceiro, e este pesa: **“se retroceder, dele a minha alma não se agradará.”** Esse “retroceder” não é de quem tropeça sem querer. É de quem recua. Por medo. Por conveniência, para não fazer o que sabe que é certo. Via o caminho à frente e, com medo do preço, deu meia-volta. Deus não se contenta com quem começa bem e depois recua com medo. A fé que Deus aprova atravessa o tempo de espera. Passa pela fornalha. Enfrenta a cova dos leões. E não desiste no meio do caminho.

É essa fé perseverante que o capítulo 11 vai mostrar, em gente de carne e osso. Gente que apagou a violência do fogo. Que fechou a boca de leões. Que foi provada, e não recuou.

E o capítulo contendo a “tão grande nuvem de testemunhas” termina com um retrato duro (11.38-40). Gente de quem o mundo não era digno, e que andou errante por desertos, montes e cavernas. Gente que, diz o autor, recebeu bom testemunho pela fé e, mesmo assim, não recebeu a promessa. Porque Deus havia reservado algo melhor para nós, para que eles não chegassem à plenitude sem nós.

Eles esperaram. Eles não chegam ao fim sem nós. E é esse “nós” que nos leva de volta ao **versículo 39** do capítulo 10:

Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição, mas somos da fé, para **a preservação da alma**.

Sinta o peso desse **“nós”**. O autor não está ensinando uma doutrina distante. Ele se inclui. Põe-se ao lado da igreja e diz: nós não somos dos que recuam. Somos dos que creem. E quem crê corre com perseverança a carreira que lhe está proposta, de olhos em Jesus

(12.1-2). É essa fé que preserva a alma até o fim. A mesma fé que sustentou aquela igreja nos primeiros dias, quando perderam bens e visitaram presos.

A alma preservada, portanto, não é a que nunca sofre, nunca duvida, nunca sente o peso da espera. É a que continua correndo, mesmo sob pressão. Porque sabe que aquele que vem, virá. E não vai demorar.

A Alma Que Persevera

Lembram da pergunta que ficou no ar lá no segundo ponto? O que este mundo tem para oferecer que valha mais do que o patrimônio superior e durável que temos em Cristo? Agora, caminhando para a conclusão, vale medir essa balança. Porque é aí que a nossa alma decide, todos os dias, se vai perseverar ou recuar.

Pense em dinheiro. Ele promete segurança. Mas a morte leva embora cada centavo que você juntou. Ninguém atravessa aquela porta com um único real na mão. E tem mais: todo o ouro e toda a prata já são de Deus. Nós, que somos filhos dele em Cristo, somos herdeiros de tudo. Por que correr atrás de migalhas, se você é herdeiro do dono de tudo?

Pense em prazer. Todo prazer deste mundo passa. É sombra de um prazer maior e mais real. Jesus não viveu atrás do que o mundo chama de prazer máximo, porque já tinha algo melhor. E nós também temos, nele: a alegria de estar, para sempre, na presença daquele que criou toda alegria que existe. Diante disso, o que o mundo chama de prazer nem merece o nome.

Pense em poder. Tem gente que gasta a vida para subir mais um degrau, ter mais influência. Mas não existe poder humano maior do que ser filho do Deus Todo-Poderoso, que um dia dará aos seus até

a autoridade de julgar anjos (1Co 6.3). Que cargo, que título neste mundo chega perto disso?

E pense em reconhecimento. Ser conhecido, admirado, lembrado: aos olhos do mundo, o auge do sucesso. Mas a fama humana passa, porque só você é conhecido por gente que amanhã também vai morrer e ser esquecida. Ser conhecido por Deus é outra coisa. É ser conhecido por aquele cujo conhecimento de você nunca falha e nunca se apaga.

Em cada uma dessas balanças, Deus vence. Sempre. A pergunta nunca foi se Deus é suficiente. A pergunta é se vamos acordar deste mundo que nos hipnotiza e enxergar isso. E, enxergando, crer, amar e sofrer, se for preciso, pelo que vale mais.

Foi isso que sustentou aquela igreja, quando perdeu seus bens com alegria. E é isso que preserva a nossa alma hoje, quando a fé ainda custa caro. Talvez não com prisão nem confisco, mas com um preço menor e real: ser visto como estranho, perder oportunidades, ser deixado de lado por causa de Cristo.

Se você nunca creu em Cristo, ouça com atenção. O patrimônio superior e durável só existe para quem se entrega a ele. Você pode estar segurando, com toda a força, coisas que a morte vai tirar de você de qualquer jeito. Solte. Venha para Cristo. Ele oferece o que nenhuma posse, nenhum prazer, nenhum poder e nenhuma fama vão dar: o próprio Deus, para sempre.

E se você já é cristão, mas está cansado, e a fé custa mais do que esperava, ouça também: não é hora de recuar. É hora de lembrar de quem você já foi, e de quem, em Cristo, você continua sendo. A alma que persevera não é a que nunca sente o peso. É a que, mesmo sentindo, continua confiando. Porque sabe que aquele que vem, virá. E não vai demorar.

Para orar em silêncio:

1. ***Peça a Deus a alegria daquela igreja antiga.*** Uma alegria que não depende do que temos, mas de quem temos.
2. ***Ore por quem, entre nós, está pagando um preço real pela fé.*** Perdendo relacionamentos, oportunidades, segurança. Peça que essa pessoa não solte a confiança.
3. ***Ore também por quem ainda não creu em Cristo.*** Que hoje seja o dia de largar o que a morte vai tirar e agarrar o que dura para sempre.
4. ***E, por fim, agradeça.*** E ele tira, viu! Ah! Ele tira. Mas apesar de tudo o que este mundo tira de nós, ainda temos um patrimônio que ninguém pode roubar. E um Deus que nunca vai embora.

S.D.G. L.B.Peixoto.